

## ENTREVISTA

### **ENTREVISTA COM LENEIDE DUARTE-PLON: FRANCESES NA GÊNESE DAS DITADURAS LATINO-AMERICANAS**

### **INTERVIEW WITH LENEIDE DUARTE-PLON: THE FRENCH IN THE GENESIS OF THE LATIN AMERICAN DICTATORSHIPS**

POR JUSSARAMAR DA SILVA\*

No final de junho de 2016, Leneide Duarte-Plon estava no Brasil por ocasião do lançamento de seu livro “A tortura como Arma de Guerra – Da Argélia ao Brasil: Como os militares franceses exportaram os esquadrões da morte e o terrorismo de Estado”, lançado pela Editora Civilização Brasileira.

Eu já vinha há algum tempo acompanhando suas publicações e quis fazer uma entrevista com ela. A proposta seria conversarmos para que eu pudesse obter maiores detalhes da entrevista que ela realizou com o general Paul Aussaresses, de forma que eu pudesse aprofundar minhas pesquisas para a tese em fase de conclusão.

Aussaresses é um importante personagem histórico com quem eu lidei na pesquisa para a tese de doutorado.<sup>1</sup> Sua presença no Brasil deixou um rastro que ajuda a compreender as relações entre a ditadura brasileira e seu apoio advindo dos Estados Unidos e da França. Sua atuação enquanto adido militar francês demonstra o interesse francês na exportação de uma doutrina para o Brasil denominada pelos pesquisadores como Doutrina da Guerra Revolucionária ou Doutrina de Guerra Suja, ou ainda, no formato que adotei na pesquisa, como Doutrina de Guerra Contrarrevolucionária, mas também envolve o problema da venda de armas e aviões para o Exército Brasileiro durante a última ditadura.

Numa tarde de inverno encontrei a jornalista em seu apartamento no Rio de Janeiro. Foi uma tarde bastante agradável, em que pudemos conversar sobre a doutrina francesa, a importância de Aussaresses e de outros militares franceses, bem como as implicações para o Brasil de toda a exportação da doutrina. Foi uma entrevista bastante extensa, em que tive a

percepção de aspectos que ainda não conhecia dessa história. A entrevista, que serviria em princípio para ajudar a compor a compreensão de lacunas para a tese ganhou contornos maiores. Leneide conseguiu, a partir de outras publicações e da própria entrevista que fez com Aussaresses para compor o livro, recuperar a conexão entre a Doutrina francesa na Indochina, atual Vietnã e na Argélia até chegar ao Brasil. Argélia e Indochina foram colônias francesas e lutaram pela sua independência contra a França colonizadora. As teorias escritas e testadas durante essas duas guerras, especialmente na última foram exportadas para a América Latina e para os Estados Unidos, ajudando a organizar os serviços secretos e as forças armadas para combaterem o “inimigo interno”, todos aqueles que se colocavam contra as ditaduras da região. Aussaresses contou à jornalista como veio para o Brasil como adido militar francês, e onde atuou no Brasil dando cursos sobre a Batalha de Argel.

**Jussaramar:** A ideia de a gente começar a conversar, é saber como se inicia essa questão da doutrina francesa. Tem o trabalho da Marie-Monique Robin, jornalista francesa, que é um trabalho bastante significativo na França, que escreveu o “Esquadrões da Morte, a doutrina francesa” (*Escadrons de la mort, l'école française*), sem tradução para o português.

**Leneide:** É importantíssimo.

**J:** Quais são os contatos entre vocês? Vocês se conhecem?

**L:** Claro. Eu fiz uma entrevista com ela quando o livro foi lançado em 2004. A história desse livro é assim: em 2001, só para resumir, o Aussaresses lançou, *Services spéciaux: Algérie 1955-1957*. Ele foi processado, foi absolvido, pagou multas, pagou os processos, os custos. Ele não foi condenado por causa da lei de anistia da França.

**J:** Tem uma lei de anistia específica na França em relação aos crimes de guerra da Argélia?

**L:** Não tem crime de guerra. São os “acontecimentos da Argélia”.

**J:** Por que está fora da Convenção de Genebra?

**L:** Não. Mas na lei de anistia não aparece nem a palavra crime. Acontecimentos da Argélia. É como os franceses chamavam os crimes da Argélia até 1999. Em 1999, no Governo de Jacques Chirac passou-se a chamar Guerra da Argélia. Mas oficialmente o Governo não reconhecia como uma guerra até 1999.

**J:** Isso foi muito complicado na França. Dos relatos, houve muito embate entre o Estado francês e os intelectuais, por causa das denúncias dos intelectuais franceses sobre a Argélia. O historiador Pierre Vidal-Naquet tem uma discussão importante, porque foi soldado durante a Guerra e escreveu sobre o tema. Vi que você está citando o historiador. E então, como você chega a esse problema?

**L:** Eu cheguei em Paris em julho de 2001 para morar. O livro *de Aussaresses Services spéciaux: Algérie 1955-1957* tinha sido lançado e aí começou o processo. A Liga de Direitos Humanos e outras associações o processaram por apologia de crimes de guerra. Então eu acompanhei já na televisão, no “Le Monde”, no “Libération”, no jornal L’Humanité. Por eles eu acompanhei o processo do Aussaresses. E fiquei sabendo dessa história toda, dos crimes de guerra e da tortura. Conhecia muito por alto. Três anos depois, Marie-Monique lançou seu livro “Escadrons de la mort...”, e vejo matérias de jornais e a convido para uma entrevista. O livro dela não foi traduzido no Brasil. Conheci Marie-Monique e fui entrevistá-la em 2004. Em 2008, tive acesso ao general Aussaresses. Antes disso, eu não havia conseguido acesso a ele. Não foi fácil conseguir acesso. Conhecia um pouco melhor a história dele pelo livro da Marie-Monique, porque ele é um personagem importante no livro dela. Em 2008, Aussaresses lançou um livro novo com o jornalista Jean-Charles Deniau, o “Je n’ai pas tout dit” – Eu não disse tudo-, e nesse ele resolve revelar tudo. Entrevistei o jornalista Deniau e publiquei a entrevista na Carta Capital. Em 2008, foi quando me aproximei do general Aussaresses de fato. Nessa fase, queria me aproximar. Pedi a ele permissão para uma entrevista. Deniau intermediou o contato entre nós. Pedi autorização para a entrevista e Aussaresses permitiu que o contato fosse feito. Então eu fui até a Alsácia para entrevistá-lo. Ele já estava com 89 anos. Era uma entrevista para a Folha de São Paulo. No final, eu disse que gostaria de fazer mais entrevistas para publicarmos um livro a respeito de sua passagem pelo Brasil como adido militar da França. Tem um capítulo no final do seu livro chamado: *Le professeur Aussaresses à Manaus*, e fala muito do Brasil, mas eu tenho muito mais coisas a saber. Ele me disse que sim. Aproveitei e fiz entrevistas de horas e horas. Mandeí uma matéria para a Folha de São Paulo. No livro, como entrevista pingue-pongue, dependendo da resposta dele eu intervenho com uma contextualização minha que eu dou ao leitor.

**J:** O que te assustou? Isso fica claro dentro do livro? Nos momentos em que Aussaresses faz as revelações, alguma coisa em especial chama a atenção, aterroriza?

**L:** Nada me assusta. Eu tinha lido o livro dele, o livro da Marie-Monique que é de uma riqueza enorme, que trouxe inclusive informações para historiadores que eram especialistas

em Argélia, como o Pierre Vidal-Naquet. Ele não conhecia o papel da escola francesa nas ditaduras latino-americanas. Então o livro da Marie-Monique Robin se tornou uma bíblia para os historiadores que estudam essa história da Argélia.

**J:** O livro cria uma certa comoção na França?

**L:** Eu não chamaria de comoção. Eu diria que foi uma revelação enorme. Porque ela começou a fazer uma pesquisa sobre o papel da Operação Condor. Durante a pesquisa ela foi descobrindo um imbricamento, uma relação próxima e de fusão entre as ditaduras latino-americanas e a escola francesa, que nasceu da experiência francesa na Argélia, mas já vinha da experiência na Indochina, e que passou pelos Estados Unidos. É triangular. A vinda deles para a América Latina passa pelos Estados Unidos antes. Lá os latino-americanos foram treinados, depois do Aussaresses ter ido para os Estados Unidos dar cursos nas escolas militares de Fort Bragg e Fort Benning sobre a Batalha de Argel e também como eles dominaram as populações civis e massacraram os Argelinos.

**J:** Então a chegada deles aqui na região do Cone Sul é posterior à passagem pelos Estados Unidos?

**L:** Sim, claro.

**J:** Pode-se afirmar que os Estados Unidos incorporam a doutrina francesa à sua Doutrina de Segurança Nacional?

**L:** Claro, claro. E então a gente já formatou a Doutrina de Segurança Nacional à doutrina francesa. O Aussaresses deu curso nos Estados Unidos entre 1961 e 1963 à convite do Presidente Kennedy. O Kennedy convidou, através do Ministro da Defesa Francês, Pierre Messmer para os franceses virem dar aulas nos Estados Unidos, porque os franceses deixaram a Indochina em 1954 e começou a Guerra do Vietnã. A primeira foi a Guerra da Indochina, contra os franceses, a segunda, do Vietnã, contra os americanos. Na primeira os vietnamitas expulsaram os franceses colonialistas. E aí os americanos entraram e a Guerra do Vietnã começou. Isso em 1954. O Kennedy era fascinado, segundo a Marie-Monique Robin, e eu a cito, pela teoria dos dominós. Os americanos achavam que todos os países iam cair como dominós sob o jugo da União Soviética, e então tinha que preservar o mundo cristão, ocidental, etc., das invasões da China e da União Soviética, do comunismo. Os americanos foram lutar no Vietnã e estavam se afogando lá. Apesar de ser a primeira potência, o primeiro exército do mundo, mais bem armado, mais bem equipado...

**J:** Eles lutavam como na segunda guerra mundial...

**L:** Exatamente, eles viram que a segunda guerra mundial havia sido ultrapassada pela guerra revolucionária, que foi conceituada pelo Mao-Tsé-Tung, (e que tinha sido lida pelos franceses) cujos livros foram lidos pelos franceses, especialmente pelo Coronel Lacheroy e pelo Coronel Trinquier. E aí o Trinquier fez a teorização no livro dele, o *La Guerre Moderne*. E então os franceses vão ensinar aos americanos. Ainda não tinha acabado a Guerra da Argélia, que acabou em 1962. Em 1961, vão os franceses, dentre eles o Aussaresses, ensinar aos americanos quem era aquele povo que eles conheciam bem, porque eles tinham sido colônia francesa e como guerrear nessa nova guerra, que eles chamavam de Guerra Moderna. E quais as características dessa nova guerra moderna? Os franceses ensinaram aos americanos: o inimigo está em toda parte, não está só no front, onde os dois exércitos vão se enfrentar; o inimigo não anda de uniforme, ele está disseminado na população civil. Ele pode ser o professor universitário, o padre, e aí eles têm toda uma teoria. Ou seja, é o inimigo interno. Aí chegam nessa classificação do inimigo interno. E tem uma frase do Messmer que diz: “os americanos tinham um treinamento perfeito do ponto de vista estratégico, da guerra convencional e tradicional, mas eles eram completamente ignorantes. Eles não sabiam nada sobre aquele povo. Eles não sabiam distinguir um vietnamita de um cambojano e de um chinês. Eram totalmente ignorantes. E então os franceses vão mergulhá-los não só na cultura do vietnamita que eles conheciam, como na nova forma de fazer guerra, que é a guerra de guerrilhas. Os vietnamitas faziam guerrilha, era a população civil também, e o mais fantástico é pensar que um povo pobre, pequeno, do ponto de vista de população comparado aos Estados Unidos, consegue expulsar dois dos povos mais bem armados, mais bem preparados militarmente do mundo.

**J:** E pagaram um alto custo...

**L:** Sim, pagaram muito caro. E eles expulsaram os franceses em 1954 e depois os americanos. E venceram com a guerrilha, que foi programada pelo General Vo Nguyen Giap. Isso foi muito interessante. Quando o Giap morreu, em 2013, eu fiz um texto, que marcava um determinado período. No fim do ano morreu o Aussaresses, o Giap morreu em 2013 também e em julho havia morrido o Henri Aleg. Então 2013 fechou um período da história francesa. A morte de um general que os combateu e venceu na Batalha de Dien Bien Phu, morreu Henri Aleg que foi quem denunciou a tortura na Argélia, que fez aquele livro maravilhoso “La Question” que denunciou as torturas francesas na Argélia. Esse eu sofri para

ler. E morreu o Aussaresses, que foi o torturador do Aleg, que foi quem ajudou a implantar o Terrorismo de Estado na Argélia.

**J:** Você chama de Terrorismo de Estado? Porque é uma nomenclatura ainda pouco usada no Brasil nas análises de historiadores...

**L:** Ah, sim, com certeza! Chamo no subtítulo do meu livro “Como militares franceses exportaram os esquadrões e o Terrorismo de Estado”. É o Terrorismo de Estado sim. Bom, então nesse ano de 2013 eu percebi esse aspecto de fim de uma era histórica e fiz um texto, e mandei para o Observatório da Imprensa. É um texto em que eu mostro a importância dos três personagens na história francesa e como essas mortes fecham esse ciclo.

**J:** Como foi sua relação com o Aussaresses?

**L:** Eu aprecio o personagem. Tenho respeito por quem assume seus atos. Ele foi um torturador, assumiu o que ele fez e não morreu negando. Ele morreu assumindo tudo o que fez, dizendo que acreditava ser impossível fazer diferente. Ele defendeu a tortura com argumentos. Mas ele tem a dignidade de quem faz e confessa. Você pode achar que é um crime, e eu acho, mas ele acha que não é. É uma questão de princípios, ou de você ter informações, aceitar a Convenção de Genebra, aceitar a Declaração de Direitos Humanos. Ele recusa e assume. Eu acho que indignos são os militares brasileiros que não assumem. Eles torturaram muito, foi Terrorismo de Estado também. Então eu tenho um certo respeito pelo Aussaresses, pela figura que ele foi, porque é um torturador que assume que torturou. E foi um homem de cultura. Foi um tradutor de “Virgílio”.

**J:** Isso na França é muito interessante, porque por exemplo, Trinquier foi um professor, é o homem que formulou teoricamente a doutrina. São intelectualizados...

**L:** Sim, sim. Eles são de certa forma intelectuais, mas eles são anticomunistas, reacionários, se dizem defensores da civilização cristã ocidental.

**J:** Essa é a mesma perspectiva do General Massu, que comandou as tropas na Argélia?

**L:** O General Massu eu não conheci. Ele morreu em 2002, mas foi ele que desencadeou essa discussão e esse debate. Por causa dele o Aussaresses fez o livro em 2001.

**J:** Ele fez declarações?

**L:** Massu declarou ao Le Monde em 2000 que torturaram na Argélia, e que a França não deveria ter feito isso. E disse “hoje nós não faríamos isso”. E o Aussaresses, na entrevista

que deu ao Le Monde ainda em 2000 para a mesma jornalista, disse que Massu estava senil quando disse isso. Ele não se arrependia e disse que o Massu queria de alguma forma morrer em paz com a consciência dele. O terceiro livro do general Aussaresses é uma entrevista que ele deu ao jornalista Jean-Charles Deniau e foi lançado em janeiro de 2014. O livro conta a história do desaparecido mais famoso da Argélia, o professor Maurice Audin, um caso emblemático. Audin foi um desaparecido famoso porque era francês, não era árabe.

**J:** É a mesma história do Aleg.

**L:** Sim, mas o Aleg não desapareceu.

**J:** Claro, mas ganhou notoriedade porque era um francês?

**L:** Era intelectual, era judeu, francês. Não era autóctone, não era um árabe, que eles desprezavam. A direita francesa despreza até hoje, eles são fruto da Guerra da Argélia. Jean-Marie Le Pen também foi um torturador da Guerra da Argélia. Então, essa direita é a direita que não suportou e não suporta até hoje os árabes. Não suporta que os argelinos sejam independentes, que a Argélia seja um país independente, que os filhos dos argelinos que foram para a França sejam franceses, que tenham os mesmos direitos de um francês branco e de olhos azuis.

**J:** Qual a relação de Aussaresses, Massu, Le Pen com os alemães que ocuparam a França durante a Segunda Guerra constituindo um governo a partir de Vichy? Tem alguma proximidade? É possível perceber algum vínculo? Uma formação? Aprenderam alguma coisa com os alemães?

**L:** Não, eles eram combatentes da resistência. O Aussaresses combateu os alemães junto com o General De Gaulle. Combateu e expulsou os alemães junto com o De Gaulle. Ele é herói da resistência. Recebeu a medalha da Legião de Honra, que foi retirada pelo Chirac quando ele fez o livro, que foi considerado como apologia de crimes de guerra no que se refere à Argélia.

**J:** Não sobrou nada da experiência de Vichy que os alemães implementaram para transformar no que foi a experiência na Argélia e na Indochina?

**L:** Não, ao contrário, num dos capítulos eu uso até um subtítulo que se chama “De resistentes a torturadores”. Eles foram resistentes aos torturadores da Gestapo, muitos deles morreram nas mãos da Gestapo, muitos heróis da resistência, e minha questão é como um herói da resistência pode se transformar num torturador? É mais ou menos o que eu coloco

para mostrar como o Aussaresses, que é um herói da resistência, como a primeira mulher dele foi também. Ela morreu logo depois da publicação do livro, quando ele assumiu a tortura na Argélia. Uma das filhas o renegou, retirou o nome dele. Foi um cataclismo o lançamento do livro dele. O processo durou vários meses, aí veio o veredicto, e, em 2005, o Chirac retirou a Legião de Honra. Por um decreto presidencial ele não podia mais usar um broche nem o título.

**J:** O Aussaresses veio à baila por causa do livro que ele lançou?

**L:** Ele foi um personagem que se tornou conhecido na França por causa do livro, mas primeiro por causa da declaração do General Massu, mas ele já vinha ganhando notoriedade por causa de uma ex-torturada, que era uma resistente argelina, que foi a primeira pessoa que desencadeou esse processo de se falar da Guerra da Argélia, que parecia uma coisa já acabada, uma página virada da história francesa. Essa resistente, chamada Louissette Ighilahriz foi entrevistada pelo Le Monde, e conta as torturas que sofreu. Louissette fora uma militante nacionalista e resistente. Aí o Le Monde foi procurar o general Massu. Foi aí que o general Massu assumiu que eles torturaram e que não faria mais isso. Foi a entrevista dela que desencadeou o tema da tortura na Guerra da Argélia novamente em 2000. Esse processo todo transformou a questão em primeira página todo dia no Le Monde naquela época.

**J:** O Aussaresses deixou claro que os americanos se apropriaram da doutrina, e desenvolveram novas técnicas?

**L:** Ele não faz esse tipo de análise não.

**J:** E as disputas dentro do imperialismo francês e norte-americano?

**L:** Eles eram super concorrentes na venda de armas, mas eram aliados no anticomunismo. Os americanos eram anticomunistas, faziam guerras para frear o avanço do comunismo, tanto na América Latina quanto na Ásia. E as guerras eram uma espécie de um muro de contenção. Os franceses eram aliados pelo anticomunismo. Na América Latina os franceses sempre estiveram meio encobertos. A história não revela muito bem o papel deles nas nossas ditaduras. Os franceses estavam sempre na retaguarda, seja na doutrina, seja compactuando e sendo cúmplices dos americanos.

**J:** A discussão da colaboração francesa, da doutrina, foi novidade para os franceses? Não para o Estado francês, mas para a população em geral?



**L:** as pessoas bem informadas sabem, sempre dizem, sim, o Aussaresses... Sabem da Guerra da Argélia, mas eles não sabem da importância da França nas nossas ditaduras. Só os que leram Marie-Monique Robin. A maioria dos franceses não conhecem.

**J:** O Aussaresses conversou com você apenas sobre o Brasil, ou sobre a América Latina também?

**L:** Só sobre o Brasil. Ele disse inclusive que não se envolveu com os outros países. Pode até não ser verdade. Não visitava. Ele foi, a vida toda, um agente secreto. Ele foi como o Figueiredo, um militar de carreira, mas um homem do Serviço Secreto. E um homem da informação é antes de tudo completamente discreto. Ele morou no Brasil dois anos e nunca deu entrevista. Ninguém sabia o nome dele. Ele saiu em fotos. Ele me deu e consta dos meus arquivos fotos dele em escolas militares, lugares como a escola da Polícia Militar de São Paulo. Mas aparecia “o adido militar francês em visita”. Ninguém sabia que ele ia para Manaus dar cursos de técnicas militares no Centro de Instrução de Guerra na Selva.

**J:** E as técnicas eram ensinadas principalmente em Manaus?

**L:** Principalmente. Mas também na Escola Nacional de Informações em Brasília, a EsNI. Então sobre a EsNI teria que ir nos arquivos dela para ver o que ele ensinou, como ele ensinou. Eu cito porque ele deu aulas na EsNI. Eu perguntei sobre o que eram as aulas, e ele me disse que foram aulas sobre a Batalha de Argel.

**J:** As aulas dele eram teóricas, ou ele não contou?

**L:** Ele sempre disse que eram teóricas. Mas há controvérsias. É possível que tenham sido também práticas, mas ainda não temos nada que prove.

**J:** O Aussaresses analisava a sua atuação, a atuação dos franceses?

**L:** Não, o Aussaresses foi mais um executor. Ele não foi um analista. O próprio Messmer, Ministro da Defesa Francês na década de 1960 disse que Aussaresses era um executor e o Trinquier era a cabeça. Ele falou isso a propósito da exportação da doutrina francesa para os Estados Unidos.

Junho de 2016.

Recebido em 30/10/2015

Aprovado em 12/06/2017

## Notas

---

\* Doutora em História pela PUC/SP, com tese sob o título "As Conexões repressivas no Cone Sul (1960-1990): terrorismo de Estado em conexão internacional". Membro do Centro de Estudos de História da América Latina e Caribe (CEHAL-PUC/SP).

<sup>1</sup> Cf.: SILVA, Jussaramar da. **As conexões repressivas no Cone Sul (1960-1990):** Terrorismo de Estado em conexão internacional. 276f. Tese (Programa de Estudos Pós-Graduados em História), PUC/SP: 2017.